

## “ESTE CONGRESSO FOI UM MOMENTO AGREGADOR DOS COLEGAS E DE DIGNIFICAÇÃO DA NOSSA CLASSE”

O Dr. António Cabral, presidente da Comissão Organizadora do 32º Congresso da OMD, faz um balanço “bastante positivo” do congresso, considerando que a adesão da classe ao evento mostra a importância do tema deste ano: a prevenção



Dr. António Cabral, presidente da Comissão Organizadora do 32º Congresso da OMD

*Que balanço faz do 32º Congresso OMD onde se celebraram os 25 anos da OMD? A adesão ao 32º Congresso e Expodentária foi a esperada? Quantos profissionais marcaram presença? Superou as expectativas?*

É um balanço bastante positivo. O evento, que este ano regressou à Exponor, reuniu mais de 4500 participantes. A Expodentária foi a maior de sempre, com 116 empresas presentes, distribuídas por 533 stands, que ocuparam dois pavilhões. No total dos três dias foram registadas praticamente 11 mil visitas à feira de equipamentos e materiais dentários. São números que representam um crescimento bastante consistente dos congressos da OMD e que me fazem ter a certeza de que cumprimos com sucesso a nossa missão.

*Qual ou quais considera o(s) tema(s)/apresentações, workshops, cursos hands-on e cursos mais marcante(s) do 32º Congresso OMD? Porquê?*

O balanço final, em termos de adesão da classe ao congresso, mostra que a decisão da Comissão Científica em trazer o tema da prevenção para este programa científico foi ao encontro às necessidades da classe. E sabemos que estas sessões são a base daquilo que diz respeito à vinda e interesse dos nossos colegas no congresso da OMD. Este ano, no plano do conhecimento científico e aquisição de competência, reunimos 98 conferencistas, nacionais e internacionais, que se destacam pela excelência nas suas áreas. Posso afirmar que em todas as sessões, algumas delas com os auditórios completamente esgotados, foi notório o interesse dos médicos dentistas nas diversas temáticas abordadas e a vontade de interagir com os oradores.

Sob o ponto de vista da formação prática, o balanço é igualmente muito positivo. Mais de mil profissionais participaram nos 26 cursos *hands-on* e nos dois *workshops*, aos quais se junta o já habitual curso para assistente online, que voltou a ser um sucesso.

Portanto, seria injusto estar a realçar algum tema ou momento em particular. Saliento, contudo, a participação ativa da classe no congresso. Foram submetidas 58 apresentações científicas e, este ano, foi testado pela primeira vez um modelo inovador que dá voz ao espírito empreendedor e visionário aplicado à medicina dentária: a *Innovation Box*.

**Entre os diferentes temas, quais os que suscitaram maior interesse entre os congressistas?**

Precisamente o que acabei de mencionar na resposta anterior. Dada a multidisciplinaridade dos temas e o *feedback* que fomos recebendo dos colegas que estavam nos três auditórios e nas várias salas (sete, no total), diria que todas as sessões científicas suscitaram o interesse dos congressistas, que procuram adquirir maior conhecimento nas áreas às quais mais se dedicam na prática clínica.

Gostava inclusive de referir que os temas 'Na Ordem do Dia' atraem cada vez mais público, notando-se que os colegas estão focados em adquirir competências e conhecimento noutras áreas que estão relacionadas com o seu dia-a-dia profissional.

Os desafios que se colocam hoje à profissão exigem que os congressos da OMD tenham cada vez mais esta capacidade, a de aliar a ciência a todas as dimensões do exercício da medicina dentária.

**Os temas socioprofissionais suscitaram muito interesse nos participantes do Congresso. Porquê? Como avalia esta situação?**

Diria que, embora não abordem temas da prática clínica diária, têm impacto no exercício profissional e na vida da maioria dos médicos dentistas. Julgo que o trabalho que foi feito, e tem vindo a ser realizado nas edições anteriores, de colocar a debate assuntos com impacto na nossa profissão, tem contribuído para este crescente interesse pelas áreas ditas não científicas.

Este ano, o 'Na Ordem do Dia' teve várias abordagens, como foi o caso da sessão da Associação Dentária Lusófona (ADL), que teve um novo impulso com a criação de novos órgãos sociais, ou a assinatura da Declaração do Porto (entre a OMD e o Consejo General de Dentistas de España), no âmbito do Fórum Ibérico. Quero destacar também as sessões sobre o turismo em saúde e o impacto social e económico da medicina dentária em Portugal, bem como a de Ética e Saúde, organizada pelo CDD, com um painel muito interessante e assuntos que constituem uma pedra basilar para a prática clínica.

Houve, portanto, uma diversidade de temas, que queremos potenciar e transportar para fora do congresso.

**O turismo de saúde é um tema em crescimento e tem sido cada vez mais relevado pelas entidades públicas e privadas a nível nacional. Como vê o papel da medicina dentária?**

Portugal tem um grande potencial para ser um destino de turismo de saúde.



No setor do turismo tem arrecadado vários prémios que falam por si. A isso podemos acrescentar o facto de ser um país seguro e com uma rede de cuidados e profissionais altamente qualificados.

A medicina dentária não é exceção. Dispomos de uma vasta rede de clínicas e consultórios de qualidade, com profissionais de excelência, que podem proporcionar uma experiência segura para os pacientes. É um caminho que pode e deve ser trilhado e valorizado, em termos legislativos e de investimento.

A qualidade dos médicos dentistas é reconhecida a nível internacional e é esse o catalisador que deve ser explorado para que o país tenha um lugar no turismo médico dentário. Claro que os desafios são muitos e há também riscos, pelo que a regulamentação é fundamental.

**Como vê a evolução da medicina dentária nos próximos cinco anos?**

É uma pergunta que tem duas respostas. Se, por um lado, a evolução das políticas públicas de saúde estão diretamente relacionadas com a melhoria da qualidade de vida dos portugueses - e o tema deste ano evidenciou essa necessidade de se apostar na prevenção -, sendo que esta consciencialização é um ponto positivo para a sociedade; por outro lado, o excesso de profissionais e consequente agravamento do rácio de médicos dentistas por habitante, como mostra a recente edição do estudo Os Números da Ordem, não é benéfico para a profissão, nem para a população.

Como classe, que é cada vez mais qualificada, empreendedora e visionária, olho para o futuro com otimismo. Este

congresso foi também um momento agregador dos colegas e de dignificação da nossa classe, que mostrou a todos os níveis o que de melhor temos em Portugal.

**Que memórias guardará sobre a organização deste Congresso?**

Este congresso terá sempre uma tônica especial, não só pela experiência e oportunidade que tive de organizar, mas todo o espírito que se viveu na Comissão Organizadora. Este grupo de colegas, que abraçou comigo este desafio, foram inextinguíveis desde a primeira hora.

Foi mais de um ano de trabalho afincado, *brainstorming*, entreajuda e vontade de materializar uma série de ideias que foram surgindo, sempre com o foco de organizar um evento que promovesse a união da classe. E, este ano, com a responsabilidade acrescida de assinalar um marco tão importante na história da OMD: os seus 25 anos!

Foi com esse objetivo que organizámos os momentos comemorativos deste marco que, a avaliar pela adesão dos colegas, estou certo de que vão perdurar na memória coletiva. Recordo com orgulho o jantar que organizámos e reuniu mais de 700 pessoas, bem como o concerto dos GNR e a mítica festa do congresso.

Guardo memórias extraordinárias. É uma experiência que nos enriquece muito sob o ponto de vista pessoal. Mas também, como já referi, do ponto de vista de união de uma equipa, cujo esforço permitiu que o congresso pudesse ser possível desta maneira. O trabalho foi imenso, mas valeu a pena quando olhamos para o resultado final. Saímos todos da Exponor com um grande sorriso. ■

## 32.º CONGRESSO OMD: OLHAR PARA A SAÚDE ORAL COMO UM “AGENTE DE COMBATE À POBREZA” E “NUMA PERSPETIVA ECONÓMICA E DE PRODUTIVIDADE”

O evento contou com a realização do Fórum da Associação Dentária Lusófona e com a discussão de temas relevantes como o turismo em saúde e a publicidade em medicina dentária



**A** Exponor, no Porto, voltou este ano a ser o ponto de encontro para os profissionais de medicina dentária. O 32.º Congresso OMD voltou ao Norte nos dias 9, 10 e 11 de novembro. Em paralelo, a Expodontária foi a maior de sempre, com uma afluência de 11 mil visitantes, com 116 empresas presentes, distribuídas por 533 stands. No geral, as empresas mostraram-se satisfeitas por mais uma edição.

O Congresso, que teve como tema “A Prevenção”, contou com um vasto programa científico que percorreu as mais diversas áreas da medicina dentária: desde a estética, à ortodontia, passando pela cirurgia oral e periodontologia, implantologia e odontopediatria, entre outros. Os congressistas puderam ainda assistir a vários cursos *hands-on* e *workshops*.

A cerimónia de abertura contou com a presença do ministro da Saúde, Manuel Pizarro, que começou por enumerar desde logo um conjunto de realidades necessárias, nomeadamente a centralidade da saúde oral no conjunto da saúde das pessoas e do seu relevo para a saúde individual e o reconhecimento da excelência dos profissionais.

“Isto cria condições para refletir para fazer mais pela saúde oral dos portugueses”, especificou o ministro da saúde, que apontou a revalorização do cheque dentista, o reforço da presença da saúde oral no Sistema Nacional de Saúde e a inserção dos médicos dentistas no SNS como alguns dos principais pontos que necessitam de ser trabalhados.

Na sua intervenção, o Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas, Dr. Miguel Pavão, enalteceu os 25 anos da OMD, cuja virtude e força “residem na sua credibilidade, na nossa coerência e na aposta pela qualidade”.

Ao nível social, o Dr. Miguel Pavão destacou a necessidade de entender a saúde oral numa vertente social como “agente de combate à pobreza”, mas também “numa perspetiva económica e de produtividade”.

As limitações económicas e a falta de reconhecimento das necessidades por falta de literacia são duas das principais

razões apontadas pelo Bastonário para justificar a falta de atenção nos cuidados de saúde oral, com consequências como a ausência de investimento das políticas de saúde oral a revelarem-se um desafio.

Ao longo do presente ano, o Relatório de Saúde Oral do SNS 2.0 traçou as linhas orientadoras para a devida integração dos médicos dentistas no SNS. Em paralelo, a reformulação e a revitalização do programa cheque dentista tem agora um novo fôlego graças ao trabalho desenvolvido pela Secretaria de Estado da Promoção da Saúde, pela DGS e pela OMD, que prevê a valorização e a criação de novos cheques dentistas dedicados à prevenção e à reabilitação oral. Perante as mais recentes alterações ao xadrez político, o Dr. Miguel Pavão apelou a que estes processos não fiquem estagnados devido às alterações nas forças políticas. “Depende exclusivamente de cada um de nós fazer da medicina dentária uma profissão com futuro”, concluiu.

### Turismo em saúde: o espaço da medicina dentária

O turismo em saúde foi um dos grandes temas a merecer destaque durante o 32.º Congresso OMD.

A mesa-redonda juntou o Dr. Orlando Monteiro da Silva, ex-Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas, a Dra. Joana Morais Ribeiro, representante da Ordem dos Médicos Dentistas do grupo de trabalho ‘Turismo em Saúde’, Joaquim Cunha, Diretor Executivo do *Health Cluster* Portugal e Renata Silva Gomes, Senior Management AICEP, para discutir o tema.

“A palavra turismo é complicada porque eu prefiro o *medical travel*. No fundo, é desamarrar a geografia da saúde”, esclareceu Joaquim Cunha, que fala numa procura pelo melhor serviço, ao melhor preço.

Tanto o turismo de saúde como a saúde no turismo trouxeram “um mercado interessante”, reforçou Joaquim Cunha,

composto por um forte fluxo de não-residentes, onde se incluem turistas com estadias de curta duração e pessoas de faixas etárias mais elevadas que escolhem Portugal para passar uma temporada. “Temos de repensar a saúde e, por que não, pensar em mercados globais”, desafiou.

Da perspetiva da Ordem dos Médicos Dentistas, que é responsável por determinar boas práticas e garantir a sua execução, o Código Deontológico que rege a profissão deve ser aplicado tanto para o turista internacional, como para o paciente nacional.

Com o crescimento do setor do turismo, a Dra. Morais Ribeiro reiterou a necessidade da OMD exercer não só o papel de regulador, mas também “fomentar o pensamento crítico” nos grupos de trabalho.

“A nível macroeconómico, através do Turismo de Portugal, nós queríamos promover a reputação do setor. Promover internacionalmente o setor como um setor que se posiciona com um alto nível de qualidade a preços competitivos”, elencou.

A promoção de fundos e linhas de microfinanciamento são algumas das alternativas para a promoção da competitividade das empresas. No setor da medicina dentária, este tipo de mais-valias possibilita que as empresas do setor se modernizem e acompanhem as necessidades.

“Nunca podemos retirar a questão da economia neste setor”, reforçou o Dr. Orlando Monteiro da Silva, introduzindo um outro conceito na discussão: a coopetição. “Nós precisamos, na minha opinião, de um plano, de uma mistura de cooperação com a natural competição que sempre existe entre os agentes que estão no mercado, nomeadamente clínicas e consultórios de medicina”, especificou, apontando para uma abordagem do setor da saúde, acima de tudo, como um setor da economia.

Em suma, a estratégia, na visão do ex-Bastonário da Ordem dos Médicos, passa por criar potencial, fazer cola-



orações e colocar o país como uma referência para quem procura cuidados médicos.

Assinado em 2019 pela AICEP, em conjunto com o Turismo de Portugal, a Associação Portuguesa da Hospitalização Privada e o *HealthCluster*, e com o apoio de diferentes *stakeholders*, o protocolo de turismo médico surge com o propósito único de promover o subsector do turismo médico.

A adesão ao protocolo por parte da OMD, justificou Renata Silva Gomes, “fez todo o sentido”, e é, ainda hoje, um caminho que tem vindo a ser percorrido. No entanto, esta promoção “tem de estar alicerçada a uma imagem positiva do país”, frisou Joaquim Cunha, que acrescenta: “É necessário olharmos para a saúde como um motor do desenvolvimento económico e social. Há mais saúde na economia e mais economia na saúde”.

Uma das sugestões propostas pela Ordem dos Médicos Dentistas passa por transformar parte dos ganhos do setor do turismo médico – entre operadores turísticos, hotelaria e clínicas – em reinvestimentos em políticas de saúde pública.

Na perspetiva da Dra. Joana Morais Ribeiro, a proposta em causa pode ser uma oportunidade “de reintroduzir o dinheiro das empresas” e transformar a oportunidade num “produto sustentável”.

Com o problema da fuga de profissionais para o estrangeiro, o turismo em saúde coloca o caso numa outra perspetiva: “Vem esbater ainda mais as fronteiras geográficas”, acredita o Dr. Orlando Monteiro da Silva, levando não só à deslocação do cidadão turista, mas também à do próprio profissional de saúde, por períodos curtos, de forma a dar resposta às mais variadas solicitações.

“No terreno são as pessoas, são os profissionais de saúde, são as organizações, são as clínicas, são os consultórios que podem dar resposta num conjunto de solicitações que existem, de facto, de pacientes de países europeus, dos Estados Unidos, de Israel e outros”, detalhou o Dr. Orlando Monteiro da Silva em entrevista ao *JornalDentistry*, onde reforçou a ideia de aproveitar as oportunidades para “trazer mais economia para este setor em Portugal”.

## Publicidade aos olhos da deontologia

O tema “Publicidade em saúde: “prós e contras” no Código Deontológico” contou com uma plateia composta para ouvir as intervenções da mesa-redonda, composta pelo Dr. Luís Filipe Correia, Presidente do Conselho Deontológico da OMD, pelo Dr. João Aquino, ex-presidente do Conselho Deontológico, pelo Dr. António Duarte Mata, pelo Dr. Pedro Couto Viana e pelo Dr. Jorge André Cardoso.

O Dr. Luís Filipe Correia começou por considerar o tema ambíguo, uma vez que, até ao momento, têm existido várias interpretações ao Código Deontológico como guia para regular a atividade.

Aliando o debate do Código Deontológico à questão da publicidade, o Presidente do Conselho Deontológico defendeu a necessidade de definir regras, nomeadamente na ligação de “consumidores”, aqui retratados pelos pacientes, e nos produtos e serviços. “A publicidade em saúde não é só regular a forma dos médicos dentistas, mas também, neste caso, ter a ação sobre os colegas, os membros, cada médico dentista, mas também com a Entidade Reguladora da Saúde, à qual compete fazer a sua regulação”, reiterou.

Na ótica do Dr. António Duarte Mata, o paciente “tem o direito à sua escolha e tem o direito, de uma forma esclarecida, de ser ele que decide se quer manutenção ou não do segredo profissional”. Numa era em que a internet e os meios de comunicação possibilitam aos cidadãos um acesso cada vez mais generalizado à informação, é necessário “fazer uma distinção muito importante sobre aquilo que é comunicação científica e sobre aquilo que é publicidade”, apontou o Dr. António Mata. O médico dentista alertou para a necessidade de regulação, em particular quando o tema é a internet como “um veículo incontornável de conhecimento”. “Quando fazemos casos clínicos, por exemplo, todos nós somos produtores de conhecimento”, frisou, acrescentando que os médicos dentistas têm “um papel no combate à iliteracia e à sensibilização dos nossos pacientes” que necessita, no entanto, de ser regulamentado.

A ideia transmitida passa por exigir que os órgãos de regulamentação definam concretamente o que é produto de

conhecimento e o que é publicidade. Para o Dr. Pedro Couto Viana não há dúvidas entre o que é publicidade e o que é conhecimento: “São coisas completamente distintas”.

O Dr. Jorge André Cardoso lembrou um caso particular do Código Deontológico sobre a proibição do uso de imagens de casos clínicos de pacientes em situações em que a cara fosse identificada. Para o profissional, a publicação de fotografias de pacientes não identificados nas redes sociais não é publicidade, desde que não haja uma promoção direta à clínica ou aos tratamentos desenvolvidos na mesma. O médico dentista destacou a necessidade de ouvir e avaliar a opinião dos colegas, saber se estão ou não de acordo com determinados pontos do estatuto, e se é necessário fazer alguma alteração, sobretudo com a mudança de paradigma provocada pelo crescimento das redes sociais.

## O impacto social e económico da medicina dentária

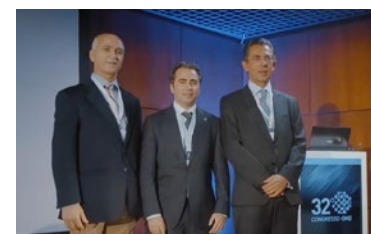
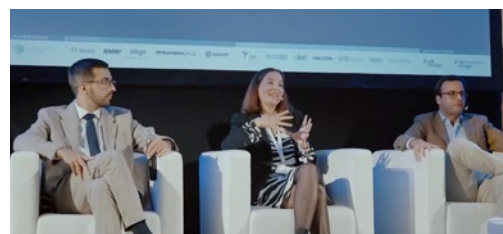
Da perspetiva social, Sandra Araújo, Coordenadora Nacional da Estratégia Nacional de Combate à Pobreza, considera que existe ainda um grande caminho a fazer no que diz respeito ao acesso aos cuidados de saúde oral, apontando para dificuldades ao nível dos custos na falta de investimento público

“Tem havido, ao longo dos últimos anos, alguns avanços nesse domínio. Há uma maior consciencialização relativamente ao impacto que a saúde, nomeadamente a saúde oral, tem noutros domínios importantes: impacto económico, impacto físico e psicossocial”, elencou.

O investimento em saúde oral, prosseguiu, está previsto no PRR, com um investimento de seis milhões de euros, com metas até 2025 para a criação de, pelo menos 120 consultórios de saúde oral nos cuidados de saúde primários.

Dados económicos do Banco de Portugal sobre a economia da medicina dentária, em Portugal, durante o ano de 2022, revelavam a existência de 6.675 empresas que originavam 18 mil empregos diretos. Com um volume de negócios anual superior a 1.400 milhões de euros, e um crescimento médio anual composto de 10% nos últimos 3





anos, Fernando Arrobas da Silva, Coordenador do Grupo de trabalho da OMD 'Turismo em Medicina Dentária', acredita que é necessário "aumentar a tarte", através, por exemplo, de projetos como o turismo em saúde, que aumentem as exportações de serviços e contribuam para a diminuição da emigração de médicos dentistas, "altamente qualificados". Por outro lado, defendeu, é necessário melhorar as competências dos médicos dentistas e aumentar a capacidade negocial das clínicas dentárias.

Com um trabalho desenvolvido junto das comunidades, Mariana Mendes Freitas, co-fundadora e presidente da ONG 'Mundo a Sorrir' fala numa "visão muito prática daquele que é o impacto que a medicina dentária pode ter, quer em nível social, quer em nível económico, na vida das pessoas".

As pequenas mudanças promovidas pela ONG, como é o caso da criação de programas básicos de literacia em saúde e a promoção de bons hábitos de higiene oral, têm impacto junto de crianças e famílias.

No entanto, "as desigualdades são tremendas", alertou Mariana Mendes Freitas, que destacou a insuficiência do número de médicos dentistas no SNS, assim como o parco número de gabinetes no serviço público e a falta de comunicação sobre os serviços disponíveis como os maiores obstáculos para que esta ajuda chegue ainda a mais pessoas.

Para Sandra Araújo existem melhorias à vista, sobretudo ao nível social: "É um aumento da autoestima, da potencialidade da empregabilidade, da qualidade de vida. Nós estamos a falar de histórias de vida de vítimas de violência doméstica que, por terem uma prótese dentária, têm a possibilidade de voltar a ter uma vida inclusiva, arranjar um trabalho e saírem do ciclo de violência em que viviam".

A ausência de recursos financeiros e a falta de níveis de literacia são obstáculos que se colocam ao empoderamento e à capacitação da população. "Ainda existe pouca consciência pública relativamente ao impacto que este investimento em saúde oral tem na saúde em geral", afirmou a coordenadora, que fala num alargamento e numa "perspetiva mais abrangente" do cheque-dentista como uma mais-valia no combate à pobreza.

Óscar Gaspar considera que o SNS tem um problema financeiro de base. Perante recursos escassos, o membro da Comissão Executiva da CIP apelou à necessidade de ter decisões inteligentes, como é o caso das PPP, e alertou para

o elevado número de seguros que existem na atualidade, um tema "bastante difícil" quando o tema é saúde oral.

## Fórum ADL: A medicina dentária nos países lusófonos

No decorrer do Congresso OMD teve também lugar o "Fórum da Associação Dentária Lusófona (ADL): ensino, especialidades médicas e competências setoriais", composto por países de expressão portuguesa, que apresentaram as suas realidades ao nível da saúde oral.

Angola conta com oito faculdades de medicina dentária, enquanto Cabo Verde tem apenas uma universidade, em funcionamento desde 2022; na Guiné-Bissau não existem escolas de formação superior em medicina dentária e são apenas sete os médicos dentistas para dois milhões de pessoas.

"Em Angola não temos nenhuma especialidade, temos uma inexistência de fiscalização, e quando falamos da competência orofacial não temos critérios para dizer se determinado colega tem capacidades para fazer", começou por explicar a Dra. Cláudia Cohen, a representante do país no Fórum da ADL. Ao *JornalDentistry*, a médica dentista afirmou que é necessário usar a experiência da ADL "a favor" destes países. "Angola ganha com a troca de experiências com estes países, nomeadamente Portugal e Brasil, que já estão muito mais desenvolvidos em relação a nós, e temos absorvido um pouco dessa experiência. Tem sido muito útil ao longo destes últimos cinco anos de participação na ADL", acrescentou a médica dentista.

As especialidades médicas são também uma ausência em Cabo Verde, onde, defendeu a Dra. Carmelinda Abu Raya, é necessário "encontrar caminhos para formar pessoas, que tenham, de facto, competências, que sejam boas em medicina oral". "Temos de ter a consciência de quais são as limitações de países lusófonos que compõe a ADL", referiu a médica dentista.

O cenário é igualmente preocupante na Guiné-Bissau. À falta de políticas públicas em saúde oral soma-se a falta de recursos financeiros e orçamento, a ausência de estudos epidemiológicos, a falta de profissionais qualificados e de serviços públicos capazes de responder às necessidades da população. "Queremos estabilizar para começar a fazer discussões importantes", afirmou a Dra. Elizabeth Augusto Ié,

que apelou à formação de agentes comunitários de saúde e à agregação de competências de medicina dentária nas próprias faculdades de medicina e enfermagem do país.

A sessão ficou marcada pelo anúncio do primeiro curso de formação para médicos dentistas do espaço lusófono, que decorreu no mês de novembro, e pela eleição dos órgãos sociais da ADL.

O Dr. Miguel Pavão, Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas e eleito presidente dos órgãos sociais da ADL, reforçou a ideia de que "a saúde oral continua a ser a área mais negligenciada em toda a área da saúde", sendo necessário dar uma voz à ADL para que "possa ser útil a países em que a realidade da medicina dentária e do desenvolvimento humano ainda é muito reduzido". O Bastonário da Ordem dos Médicos Dentistas abriu ainda a porta a que a ADL possa ajudar a empoderar futuros médicos dentistas "para combater a realidade que vivemos e as desigualdades que se mantêm".

## Caminhos profissionais alternativos à medicina dentária

Os dados de 2022 apresentados pela Ordem dos Médicos Dentistas mostravam que existiam 12.235 médicos dentistas inscritos na Ordem, um valor que correspondia a um rácio médio de um médico dentista por 846 habitantes (a média da Organização Mundial de Saúde estabelece um médico dentista por 2 mil habitantes).

Com base nestes dados, o tema "Mestrado em Medicina Dentária, e agora? Caminhos profissionais alternativos na medicina dentária" foi alvo de reflexão no último dia do Congresso.

De acordo com dois estudos desenvolvidos pela Ordem dos Médicos Dentistas, um deles dedicado aos jovens médicos dentistas, mais de metade dos jovens inquiridos revelou que não voltaria a escolher esta profissão. A realidade, apresentada no estudo, demonstra "a forma como a medicina dentária é subvalorizada, a sua falta de inserção em domínio público e a precariedade do trabalho", que funcionam como fatores que "não permitem avançar na carreira como desejado".

O estudo de diagnóstico à profissão revela também que, no total, a satisfação de toda a classe para com a sua situação profissional é de 5,87, numa escala de 1 a 10.



Para além do desgaste rápido, as principais preocupações inerentes à profissão prendem-se com o excesso de médicos dentistas, a fraca remuneração, problemas ao nível da remuneração, da ética, exigências de licenciamentos e comercialização da profissão. Neste inquérito, 26,9% dos médicos dentistas admitem que não voltariam a exercer a profissão.

Fernando Arrobas da Silva, Doutoramento pela Universidade de Lisboa e professor de estatística e consultor de gestão, deixou a medicina dentária durante a pandemia e decidiu dar um novo rumo profissional à sua vida. Atualmente, trabalha como professor de estatística e ao nível da consultoria de gestão, incluindo na sua própria empresa, em particular, nas áreas de saúde e do turismo. Na sua opinião, as competências desenvolvidas em medicina dentária “são muito mais transferíveis” do que se possa imaginar, possibilitando uma maior preparação para as mais diversas situações como

comunicar com as pessoas, gestão de tempo, planeamento, etc.

A Dra. Inês Guerra Pereira, especialista em cirurgia oral pela Ordem dos Médicos Dentista e detentora de um curso de marketing digital avançado pela ANJTN, aliou a medicina dentária à comunicação: “Comecei a estudar Marketing Digital porque tinha este interesse pela comunicação, por ajudar os outros e também por ter, de alguma forma, fora do ambiente clínico, alguma parte mais clínica”. Foi assim que nasceu o seu *blog*, com o intuito de transmitir informação útil às pessoas que visitavam a sua plataforma.

“Tudo aquilo que eu fui estudando até agora de Marketing Digital tem funcionado como complemento àquilo que é o meu exercício da profissão de clínico, que não deixei de exercer naturalmente, mas sinto que isso me ajudou todos os dias”, rematou a Dra. Inês Guerra Pereira. Atualmente a exercer na área da medicina dental, a Dra.

Susana Morgado aliou a medicina dentária ao termalismo, com um projeto que passa por desenvolver produtos, serviços e bem-estar ao nível da saúde oral: “O que importa é aquilo em que nós nos focamos, os objetivos que nós traçamos porque, no fundo, o que estamos a fazer é cuidar das pessoas”.

Inês Isabel Pereira, aluna do Mestrado Integrado em Medicina Dentária e Presidente da Associação Nacional de Estudantes de Medicina Dentária, defendeu a necessidade de uma reformulação do atual plano curricular, com os estudantes a poderem optar por outras unidades curriculares complementares ao seu currículo clínico, como é o caso da gestão de empresas, com oportunidades de enveredar por outras áreas da formação. ■

Marta Quaresma Ferreira

Fotografias gentilmente cedidas pela organização

## TOOTHECONOMICS<sup>®</sup>



Dr. Fernando Arrobas.

### 1) Tootheconomics

Nos Estados Unidos, os economistas gostam muito de utilizar indicadores variados e alternativos para tentar adivinhar para onde caminha a Economia.

Foi com muito interesse que li no outro dia sobre a “Tootheconomics”... Um indicador que procura prever o “estado” da economia em função do número de visitas de *follow-up* que a população faz anualmente ao médico dentista.

Isto é, se estivermos perante um decréscimo anual deste número de visitas, isso é um indicador de que a economia pode entrar em recessão, pois esta é uma despesa seletiva que normalmente é cortada nos períodos mais difíceis.

### 2) Economia da medicina dentária em Portugal

Achei então relevante também analisar alguns dados sobre a economia da medicina dentária, de acordo com os dados do Banco de Portugal, no ano 2022:

- 6675 empresas
- 18 000 empregos diretos

- Volume de negócios anual de 1400 milhões de Euros, com cerca de 9 milhões em exportações e um crescimento médio anual composto de 10% em 3 anos (dois deles em pandemia)

- Solvabilidade de 49,7% vs 40,1% para “Todas as Atividades”

- Retorno Médio sobre o Capital Investido de 8,9% vs 7,4% para “Todas as Atividades”

Podemos também olhar para o Congresso Anual da Ordem dos Médicos Dentistas, com mais de 10 000 participantes, oriundos de 38 países diferentes, provavelmente o maior na área da saúde em Portugal.

De facto, por aqui também se comprova que, se a medicina dentária estiver bem, a economia portuguesa também vai estar bem.

### 3) Como podemos melhorar?

O trabalho do economista, segundo dizem, é o de “aumentar o tamanho da tarte para depois distribuí-la”. Vamos então por partes:

#### Aumentar o tamanho da “tarte”:

Apesar do excelente trabalho que tem sido desenvolvido, que fica patente nos indicadores económicos, ainda é possível melhorar:

- Implementando com sucesso e com a devida regulação projetos como o turismo de saúde
- Melhorando as competências de gestão dos médicos dentistas
- Aumentando a capacidade negocial através de uma “Associação Empresarial de Clínicas Dentárias”

Estes são passos fundamentais para o atual nível de maturidade do setor.

#### Distribuir a “tarte”:

Por outro lado, a capacidade de resposta da medicina dentária surge sobretudo através do setor privado. É muito

importante não transformar esta atividade apenas num “negócio” e encarar também os aspetos éticos e a “responsabilidade social” da profissão.

Sou um profundo admirador do trabalho que tem sido feito pelos médicos dentistas no Serviço Nacional de Saúde e pelas Organizações Não Governamentais, como a Mundo a Sorrir.

No entanto, é importante facultar mais meios para apoiar os que são economicamente menos favorecidos. Eis algumas medidas que poderiam ser implementadas:

- Tributo fiscal sobre o crescimento das exportações com o turismo de saúde, que reverta a favor da dotação orçamental no SNS e de parcerias publico privadas (cheque dentista, reembolsos dos tratamentos realizados em clínicas privadas...);
- Valorização das carreiras no SNS e de saúde pública para atrair os médicos dentistas;
- Desenvolvimento da cultura de voluntariado na formação dos médicos dentistas.

Apesar do número de médicos dentistas para a população ser de 1:842, em vez de 1:2000 como recomenda a Organização Mundial de Saúde, as carências de saúde oral em Portugal não são equivalentes a este rácio. Mais do que um problema de excesso de médicos dentistas, fica evidente, para já, um problema de alocação de recursos.

Os problemas estão identificados. Os recursos estão disponíveis. Os agentes económicos do setor privado, público e social têm imensa vontade. Termina com a mesma conclusão de todos os debates desta natureza: falta estratégia!

Fernando Arrobas

*\*Intervenção no painel “Impacto Económico e Social em Medicina Dentária”, no 32º Congresso da Ordem dos Médicos Dentistas. 10/11/2023*